

CALDART, R. S. et al. *Escola em Movimento*: Instituto de Josué de Castro. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

Cecília Maria Ghedini¹

O livro *Escola em Movimento: Instituto de Josué de Castro* inscreve-se na perspectiva de registrar e publicizar, um processo produzido por sujeitos que se arriscam a transformar em prática o que defendem teoricamente. É um trabalho organizado coletivamente, por educadores e intelectuais do MST, sobre o Instituto de Educação Josué de Castro (IEJC), descrevendo o cotidiano de estudantes e educadores integrados à escola através de uma vinculação política e militante a um Movimento Social, atendendo demandas formativas de um projeto político determinado. Escrito a partir de uma iniciativa de sistematização da prática do IEJC, adensado pela produção de trabalhos de pesquisa sobre o Instituto, segue uma lógica cronológica, não pretendendo fazer uma análise da prática e, inclui, reflexões a serem aprofundadas. Compõe-se de oito capítulos, em duas partes: a primeira trata do percurso histórico e da concepção de educação do IEJC e, a segunda, descreve seu funcionamento. Por ser uma produção realizada pelos participantes do processo tem uma escrita peculiar, propõem-se contribuir com a escola, o Movimento Social e no diálogo com outros processos. É uma obra descritiva, cujo percurso, com riqueza de detalhes e narrativa, mostra a construção dessa escola, sua “engenharia” e “arquitetura”. A primeira parte do livro apresenta as condições objetivas do lugar e do tempo em que se deu o percurso histórico do IEJC, o processo de constituição da escola, identificando seus principais períodos, os antecedentes, a construção inicial, os movimentos de construção pedagógica e o período de consolidação, acrescido da discussão do futuro do IEJC.

Sua criação se dá em 1995, período de ascenso das lutas dos trabalhadores, tem raízes nas primeiras escolas dos assentamentos, na organização da Fundação de Educação e Pesquisa da Região Celeiro (FUNDEP) – Escola Uma Terra de Educar, composta por diversos Movimentos Sociais da região. Situada em

DOI: 10.1590/0104-4060.39835

¹ Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel, Paraná, Brasil. Rua Maringá, 1200 – Bairro Vila Nova – 85.605-010 - Campus de Francisco Beltrão.

Braga-RS, nela vários cursos formais se desenvolvem, sendo base de prática e reflexão no desenho pedagógico e político do IEJC. A escola propõe-se a revelar o político implícito no pedagógico com opção de classe, colocando-se a serviço da estratégia de “organização de massa”, opção que a desenha como uma “escola do MST”, e define-lhe os objetivos mais amplos e a metodologia, exigindo dos educadores uma postura *dos* e não *para* os Movimentos Populares do Campo, assumindo, assim a concepção materialista dialética da Educação Popular, combinando a escola formal com a Educação Popular dos cursos não formais, associada à Pedagogia Socialista, tendo como pilar fundamental da intencionalidade pedagógica o vínculo estudo e trabalho. Ainda, pesquisa e desenvolvimento articulam um projeto institucional a serviço de uma concepção de sociedade, radicalizando a participação dos estudantes na condução da escola, com inspiração no método da “capacitação massiva” pelas Oficinas Organizacionais de Capacitação (OFOC).

A partir de 1995, em função das tensões surgidas pelas diferenças de concepção entre os Movimentos Sociais e a necessidade de radicalização do método pedagógico percebida pelo MST, muda-se a escola para Veranópolis-RS, criando-se o Instituto de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária (Iterra). A nova escola coloca foco na organização e prática pedagógica de educar para a cooperação, com uma gestão geral envolvendo setores e postos de trabalho, incorpora-se, nos diferentes tempos e processos, à organização geral do MST como os Congressos e as escolas públicas dos assentamentos, tornando-se autônoma como “Escola Josué de Casto”, mais tarde IEJC. Em 1998, a metodologia da OFOC sofre um ajuste e reestrutura-se a forma de gestão, não sem dificuldades, mas com instrumentos novos, dinamizados por palavras fortes: “organização”, “organicidade” e “acordos”, predominantes até hoje. A partir de 1999, o Iterra conta com o Pronera e, em 2000, recebe educandos de outros Movimentos Sociais. No ano seguinte, publiciza seu Projeto Pedagógico, firmando elementos básicos do método pedagógico: movimento, inserção na organicidade da escola e do MST, ambiente educativo, acompanhamento, capacitação e OFOC, em 2002 iniciam os cursos de nível superior em parceria com universidades públicas. A partir de 2006 são feitas novas mudanças na gestão da escola e o debate sobre seu futuro toma força, motivado por questões da reforma agrária, do perfil da base do MST e da juventude, pela ampliação das alternativas de escolarização básica, além da criação de outros centros de formação do MST, que sugerem mudanças. Dentre elas, inserir o IEJC em regiões de assentamentos, guiados por estudos e análises aprofundados, mantendo-se os objetivos formativos, enraizados no acúmulo produzido, mesmo com os desafios e contradições de uma materialidade determinada.

É possível depreender que, no processo de construção da escola, a concepção de educação e a produção da matriz formativa se fizeram desde a materialidade possível, numa relação entre teoria e prática, constituindo os fundamentos que a orientam e os alicerces da concepção de educação que sustentam seu projeto educativo, mantendo-se uma compreensão ressignificada pelas apropriações teórico-metodológicas atuais. Assim, parte-se de alguns elementos como “matéria prima” da concepção: a autocrítica de uma experiência anterior, a referência de um método de capacitação organizacional massiva vindo de cursos da área da produção e a presença inicial significativa de jovens e adultos estudantes com experiência de trabalho, organização e militância no MST. Com olhar atualizado, identificam-se fundamentos do projeto educativo e da forma da escola, considerados alicerces sem os quais, ela não se sustenta. Sinteticamente são quatro: o vínculo orgânico com um movimento social de trabalhadores, a convicção do trabalho como princípio educativo e a concepção de educação dali advinda, a teoria materialista e histórico-dialética do conhecimento e uma estratégia visando construir uma coletividade que educa e se combina com a intencionalidade da auto-organização dos estudantes.

Remetendo-se às análises da realidade e suas necessidades, o futuro do IEJC, nitidamente, precisa desenvolver uma “formação cada vez mais alargada”, que articule “trabalho com luta social, com capacitação organizativa, formação política, resistência/projeto cultural e conhecimento da história” (p. 115). O aprofundamento da escola passa “por uma educação profissional de perspectiva politécnica”, integrada à educação básica nos assentamentos, embasados nas formulações originárias de Marx e nos pedagogos do período inicial da Revolução Russa de 1917. A elaboração dessas proposições deverá guiar-se por dois movimentos: o trabalho do campo e suas contradições e as necessidades formativas dos trabalhadores, cotejando a possibilidade de voltar à radicalidade da capacitação organizativa do início da escola. Contudo, o debate está em aberto, pois deverá incluir a nova materialidade da inserção e a construção em processo.

Na segunda parte o livro desenvolve-se o funcionamento atual do IEJC, tendo como fio condutor as “relações sociais que constituem o processo pedagógico da escola”, em capítulos que descrevem determinados traços da configuração da forma escolar, de maneira que, descrita a totalidade de cada um, seja possível compreender a escola e sua inserção numa totalidade formativa mais ampla, que lhe confere sentido. Os traços principais identificados são; a alternância entre Tempo Escola e Tempo Comunidade, a organização dessa alternância por cursos, em etapas com tempo determinado e com estudantes vinculados a um movimento social; a organização do trabalho dos educadores; tempos educativos para diferentes dimensões da formação pretendida; estrutura de gestão em que todos decidem; trabalho organizado para todos; organização

do estudo para além do ensino e avaliação em diferentes dimensões. Desses traços alguns tem relação direta com as condições objetivas do trabalho e dos sujeitos que frequentam a escola e outros são mediações entre essa objetividade e a “engenharia e arquitetura” que compõe uma parte fundamental da estrutura orgânica da escola.

Inicia pela apresentação da escola, seu entorno e os tempos educativos, detalhando a inserção dos estudantes em trabalhos pontuais, festividades, atividades esportivas e utilização dos serviços públicos, além das parcerias. A organização curricular por etapas e, composta por ciclos de alternância entre Tempo (e espaço) Escola (TC) e Tempo (e espaço) Comunidade (TE), são características herdadas da experiência anterior e também das referências das Escolas Famílias Agrícolas e das Casas Familiares Rurais. Possibilitam uma materialidade que forma para além da escolarização e da formação técnica, mediada por um Projeto Metodológico (Promet), síntese que combina os dois movimentos. No TC, a escola utiliza instrumentos como o Plano de Atividades, o Diário de Campo e o Informe com Balanço Crítico, potencializando o processo formativo. Como desdobramento da lógica de alternância, tem-se os tempos educativos, um dos princípios de uma escola preocupada não apenas com a escolarização, mas também com o processo de formação humana. Ambos são ferramentas propiciadoras de oportunidades para questionar as relações sociais da escola e as dimensões da vida humana.

Nessa mesma perspectiva, a escola desenvolveu uma estrutura de gestão participativa, elemento básico de seu funcionamento e organização curricular, que engloba o estudo, o trabalho socialmente necessário, a construção da coletividade e as atividades lúdicas entre outros. Garante aos educandos, num só tempo, o aprofundamento teórico, a capacitação, a qualificação no engajamento social e a reprodução de sua existência. Essas intencionalidades se concretizam em dois níveis: na gestão institucional da escola e na gestão da vida escolar, relacionadas aos compromissos formais da instituição, ao processo pedagógico e seu funcionamento.

Compreendido como uma das dimensões organizadoras da vida escolar, o trabalho como princípio educativo é orientador da escola, assim como uma formação específica para as exigências do mundo do trabalho concreto. Na escola os estudantes trabalham, na intencionalidade de recuperar o sentido do trabalho como constituidor do ser humano, da classe trabalhadora como potencial transformador, assim como da superação do trabalho que desumaniza, cientes, ainda, das contradições presentes ao se colocar o trabalho como princípio educativo, na atualidade.

Outra dimensão educativa fundamental da escola é o estudo, articulado ao trabalho pedagógico, ligado ao conhecimento, tem a capacitação como uma

das sínteses a ser alcançada, pela necessidade da apropriação dos conceitos, da ação e intervenção dali desdobradas, pois entende que a prática social deve ter força material e concretizar-se. Esse processo, unindo teoria e prática, produz apropriação de conhecimentos, valores, posturas, jeitos de agir, conformação ou mudança de concepções e convicções, o que alarga a concepção de estudo, deixando o ensino como uma noção específica dele decorrente, em diferentes momentos e lógicas.

O viver comum numa escola de tempo integral como o IEJC, remete a perceber sua realização em dois planos: um das relações humanas que se estabelecem desde as atividades e espaços formais da escola, outro das relações/situações informais, convivência e coletividade tomadas com diretividade, previstas no projeto da escola e tratadas pedagogicamente, com uma concepção específica na relação indivíduo-coletivo e indivíduo-sociedade, como busca de equilíbrio de uma convivência humana e socialmente justa.

Efetivar uma forma escolar em seu movimento vital, no sentido de dar conta das intencionalidades pedagógicas do projeto de formação humana, implica também escolher ou fabricar ferramentas metodológicas que permitam análises e mudanças, num processo formativo real que, pelo planejamento se antecipa às atividades e à atuação pedagógica. Nisso, toma-se a educação como processo, como movimento dialético, envolvendo tempos, transformações, contradições e historicidade. Entre as tensões, inevitáveis, escolhe-se “desindividualizar” o processo, o que exige posturas e decisões, pelas quais o sujeito coletivo passa a “autoconduzi-lo”, isto sem prescindir de uma postura ética, pedagógica e política por parte dos condutores da formação, tendo como guia seu movimento real e, o acompanhamento político-pedagógico como tarefa principal, potencializado pelas ferramentas metodológicas.

Embora utilizado como referência a uma relação específica, apresenta-se como conclusão desse livro, por sua natureza e objetivos, um trecho fundamental para compreender essa escola e essa obra, uma metáfora vinda de um “dito popular russo: ‘dizer a palavra açúcar, açúcar, açúcar não adoça o café’. Queríamos formar sujeitos que soubessem ‘adoçar o café’, e não apenas ‘dizer a palavra açúcar’ e ainda que entendessem a diferença entre uma coisa e outra e o lugar que podem ter em uma mesma ação” (p. 268).

Texto recebido em 12 de fevereiro de 2015.

Texto aprovado em 26 de fevereiro de 2015.

